



Gaiato



4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração, fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Quinzenário • 30 de Setembro de 1995 • Ano LII - N.º 1345 - Preço 30\$00 (IVA incluído)
Fundador: Padre Américo — Propriedade da Obra da Rua
Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

NOTAS DA QUINZENA

A CONTECEU, estes dias, algo de tão raro nas histórias dos nossos rapazes que as experiências se podem contar pelos dedos: o regresso de um deles ao seio da família de sangue, em boas condições de estabilidade e segurança para o seu presente e futuro.

Desta espécie, o caso mais exemplar de que me lembro, foi o de um rapaz que veio à nossa Casa do Tojal porque os pais se haviam separado. Anos depois, já a entrar na juventude, ele próprio lutou e conseguiu reconciliá-los e que o lar se refizesse — ao qual, obviamente, regressou também.

O caso destes dias não é tão típico porque, na verdade, não se trata de um regresso ao lar, bem que o pequeno nunca tinha conhecido; mas da ida para casa de uma irmã e cunhado, já com um filho de meses, os quais entenderam poder e dever assumir este irmãozito dela.

Passado triste o deste pequeno, a fazer-nos reflectir sobre a fragilidade do homem e o mistério dos seus comportamentos! A mãe, depois de gerar cinco filhos do seu legítimo esposo, abandonou o lar e virou mulher de rua. O pequeno que foi nosso, era o quinto e último desta segunda geração de pais diversos e todos sem pai. Vizinhos e vicentinos no-lo trouxeram do desleixo da rua. Porém, estas irmãs, principalmente a mais velha, hoje licenciada, seguiam-no e, à revelia de seu pai, vinham visitá-lo amiúde. Eram a família que lhe conhecíamos. Contudo não deixou de nos surpreender a coragem deste casal a principiar vida e pronto a assumir o encargo de criar e educar este meio-irmãozito que agora começa o ciclo preparatório. Coisas belas, que ainda as há neste mundo!

O reverso desta medalha é, infelizmente, o comum. Não surpreende mas magoa cada vez que acontece. Também por estes dias se repetiu.

Continua na página 3



Eis um plano actual das infraestruturas da Casa do Gaiato de Moçambique — que «surgiram do nada».

SETÚBAL

Praia

ESTE Verão foi pesado. No entanto a sua carga não se tornou impeditiva de escrever pró GAIATO. Razões tristes que devo calar.

Variados telefonemas e cartas marcam falta a «Setúbal» e perguntam pelos motivos. A resposta mais simples e mais evangélica será continuar.

Duas experiências gloriosas se fizeram nesta Casa durante os meses de Julho e Agosto: — As chefias do Paulinho e do Pingo. Os dois, rapazes de 18 anos, tomaram conta dos seus irmãos, na praia, cada um no seu turno; e o Paulinho no mês de Agosto, com os que com ele gozaram o mar a serra e o ar da Arrábida, assumiu toda a vida da Casa, com os gados, as

regas, a colheita abundante de quase cem toneladas de tomate e o irrequitismo saudável de metade da malta.

Um ano inteiro de chefia na Casa do Gaiato é desgastante e os responsáveis também precisam de aliviar. O mês de Agosto é de relaxe para quem passou o ano inteiro com o dever de orientar e vigiar a vida dos cento e cinquenta.

Na praia, os chefes eleitos cedem lugar a outros que vão, eles mesmos, saborear a seriedade e a responsabilidade do comando e manifestar perante a comunidade as suas aptidões e doação. É uma espécie de campanha eleitoral feita já no governo. Não há promessas nem discursos falaciosos com argumentos brilhantes. Há a vida. A evidência. A experiência renovada e continuada a passar de uns para outros conforme o tempo vai correndo, a idade surge e a maturidade se revela

em cada um.

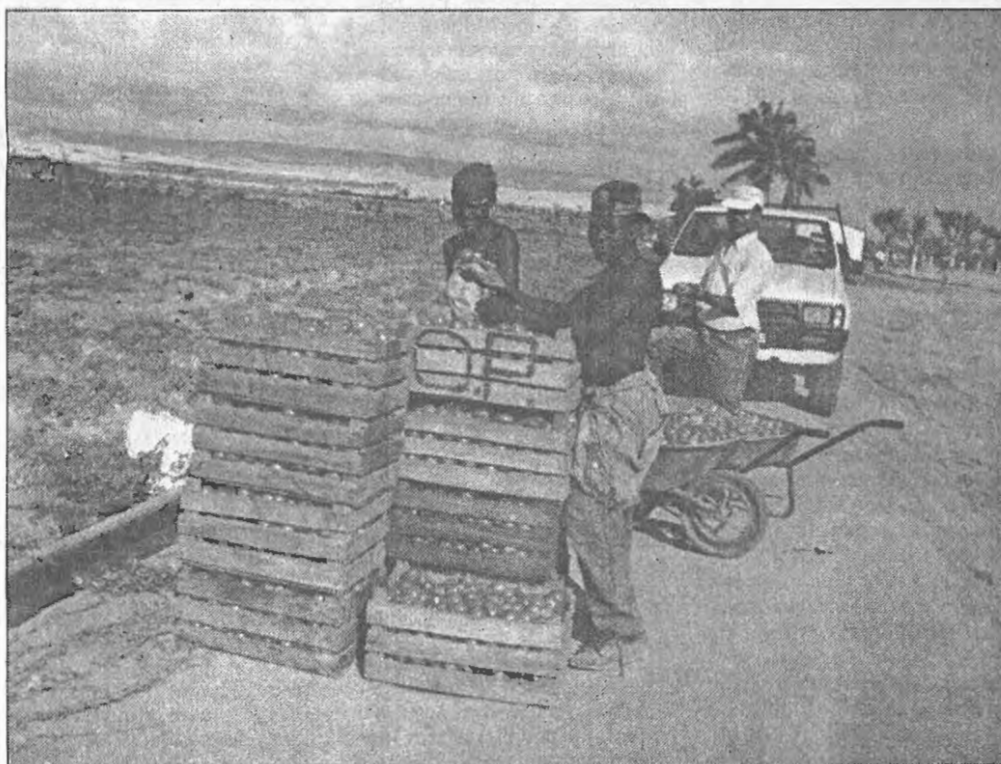
A chefia é uma oportunidade riquíssima para quem a assume seriamente. Arrasta com rapidez e força ocasiões de amadurecimento pessoais e colectivas, dificilmente encontradas noutras circunstâncias.

O Paulinho perdera o 10.º ano. Como se arranjou, nem ele, nem eu sabemos. Adverti-o que quando a gente se vê em dificuldade, pede ajuda, e não se deixa cair para o campo das hipóteses.

Quando o convidei para este serviço, declarou sentir-se feliz por eu continuar a confiar nele! Que bonito!...

A sua expressão fixando-me, fez rebentar dentro de mim uma explosão de alegria dificilmente disfarçada na sua presença, naquela hora.

Continua na página 4



Na falta dum flash da «operação cebola», aí vai outro sobre a colheita do tomate.

BENGUELA

«Operação cebola»

ONTEM, tivemos um dia muito movimentado. Toda a gente foi mobilizada para arrancar cebola, cortar a rama e ensacá-la. O camião carregou-a, de seguida, para o mercado. Alguns milhares de quilos. «Operação cebola», assim foi designada a acção desses dias. Se tivéssemos uma máquina fotográfica, esta cena caseira apareceria com mais vida diante dos vossos olhos. A que tínhamos foi roubada, há tempos, e não foi substituída.

Os rapazes que não tinham escola foram para o campo. Uma parte do trabalho foi deles. Alegrei-me por vê-los, com entusiasmo, agarrados à sua obrigação. Nem sempre assim acontece, é verdade. Mas, desta vez, viram mesmo que estava ali o pão que haviam de comer. Eles sabem que a vida é muito dura. Tem-lhes sido dito. Hão-de ser ajudados, sempre mais, a entender que o amor ao trabalho equilibrado é o caminho do seu futuro. Tem custado muito, porque grande parte deles, na pré-adolescência e na adolescência, cresceram sem amparo. O grande argumento com força e autoridade para os convencer, a pouco e pouco, é a mesa posta três vezes ao dia. Quando é possível, mais a merenda pequenina — que à hora da mesma começam a rodear a cozinha e despensa.

Continua na página 4

Conferência de Paço de Sousa

AUTOCONSTRUÇÃO — Ele ganha pouco. Muito pouco. O casal ainda é jovem. Têm dois filhos. Mas, sem tecto capaz, lançaram-se na aventura da Autoconstrução. Um edifício de rés-do-chão e primeiro andar com três quartos, sala, cozinha e dois wc.

É trabalho duro. Produz muitos calos nas mãos e fá-los apertar o cinto... ainda mais! Têm ajuda fraterna de familiares, de amigos. E pediram à banca só o necessário pró arranque. Muito bem. Ela faz negócio — não é mutualista.

A obra está quase na laje de tecto e já solicitaram ajuda pra telha, na hora própria... «Um pequeno auxílio», diria Pai Américo.

No País que somos — cujo problema da Habitação é um dos mais graves — os Autoconstrutores necessitam, da parte das autarquias, um dar de mãos muito específico, muito concreto — respeitando-se o espírito da Lei.

O Autoconstrutor não pede dinheiro nem materiais... Mas que não lhe estorvem a caminhada. E reconheçam a utilidade social do seu investimento — com legislação própria fechada nas gavetas das repartições oficiais!

Nos meios rurais, evidentemente onde for possível, quem dera loteamentos infraestruturados com pequenino quintal para autoconsumo (porque não?), a preços compatíveis com os respectivos estratos sociais.

PARTILHA — O nosso Elísio, assinante 1958, de S. Mamede de Infesta, deixou 1.500\$00 na mão dos cicerones, em Paço de Sousa. Ainda não foi desta...!

Mais 5.000\$00 para a Conferência, da assinante 22628, de Padrão da Légua, destinados «aos nossos irmãos que precisam».

O assinante 4395, de Vila Nova de Famalicão, passa por aqui várias vezes durante o ano, «com muito prazer», segundo afirma, e um «modesto contributo para as necessidades imensas a que têm de acudir».

Idem, do assinante 42971, de

Pelas CASAS DO GAIATO

Ovar, «para os Pobres mais envergonhados e os mais necessitados, como melhor entenderem, por diversas intenções que Deus sabe». Ele lê o coração dos homens!

Quinze mil, da assinante 57002, da Senhora da Hora: «Envio esse cheque com um pequeno donativo em favor dos Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa. Embora pouco, é dado com muito carinho por todos os que sofrem. Não é preciso agradecer nem enviar recibo. Peça uma oração por mim e por todos os meus familiares». Pusemo-la já na Mão do Senhor — divina Providência.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

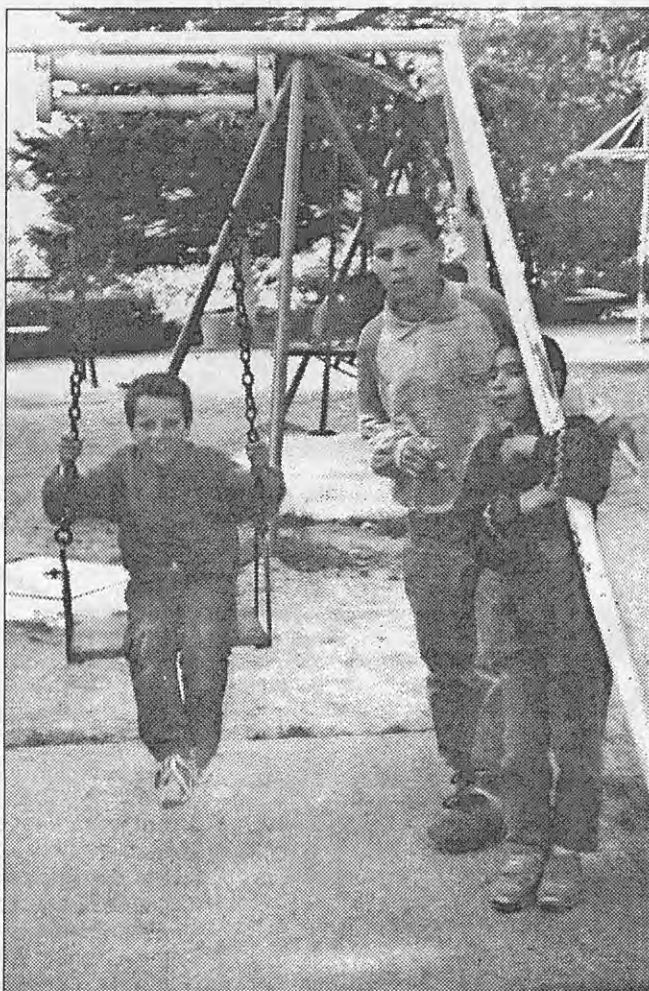
Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

SILAGEM — Acabámos de fazer a recolha do milho que dará para o alimento da nossa vacaria.

VINDIMAS — No dia 11 de Setembro começámos a vindima. No primeiro dia recolhemos quatro tractores; foi de manhã e de tarde. A colheita na mata já está a acabar. Eram muitas bardos para colher. Quando acabar na mata, os vindimadores seguirão depois para os «campos novos» recolher as castas tradicionais do vinho branco.

ESCOLA — As nossas aulas começaram no dia 18 de Setembro e muitos rapazes queriam ter professores novos.



Os baloiços são pau para toda a colher!

Eu espero que as minhas aulas corram bem e as dos outros igual.

CARAS NOVAS — Vieram mais dois irmãos para a nossa Casa. É o Hugo de onze anos e o Filipe de sete anos. Vieram do Porto. Espero que consigam encontrar a felicidade no meio de todos nós!

OFERTAS — Quase todos os dias e principalmente aos domingos, recebemos muitas pessoas Amigas. Algumas trazem-nos muitas coisas boas como: roupa, alimentos, donativos, etc. Mas também, algumas, vêm conhecer a nossa Aldeia e falar connosco.

LIMPEZAS — As limpezas são sempre feitas todos os dias e em todos os locais da nossa Aldeia.

O grupo da lenha tem andado sempre movimentado com as suas tarefas. Por vezes as coisas tomam-se chatas para as fazer. Por vezes tem aparecido muito lixo no chão e fora dos caixotes.

Todos nós devíamos ter mais cuidado, para não dificultar a tarefa aos da lenha...!

Nos dormitórios, temos os limpezinos. Estes por vezes não cumprem bem as suas funções, por isso alguns dormitórios andam muito desarrumados.

Acho que todos nós devemos ser responsáveis das nossas obrigações, para que elas sejam bem feitas.

A D. Dina, é um caso mais «delicado», pois trabalhava na zona mais importante da casa. Era era a nossa cozinheira. E durante todos os anos que para nós cozinhou, fê-lo sempre com um grande amor pelos rapazes. Trabalhadora e muita amiga dos rapazes, ela foi durante o tempo que nos serviu, muitas vezes como uma mãe.

No dia 6 deste mês, deram-nos uma grande surpresa: Visitaram-nos!

Que grande festa foi para os nossos rapazes estar de novo com o senhor Melo e com a D. Dina. Não houve champanhe. Não! Não que eles não o merecessem. Só que, a festa foi interior e tão grande, que nenhum champanhe nos daria melhor satisfação.

Durante o pouco tempo que cá estiveram soltaram esta exclamação:

— Mas que linda está a Casa do Gaiato!

Sinal mais do que suficiente para manifestar o seu contentamento com o trabalho que o senhor padre tem feito na nossa Casa.

FÉRIAS — Terminou mais um ano de férias. Todos tiveram oportunidade de ter momentos de grande lazer.

Mas, o que é bom acaba depressa. Uma vez que terminaram, há que pensar na melhor forma de combater o próximo ano. E como sabemos, um ano de trabalho não é nada fácil. Que digam os nossos trabalhadores e estudantes. Está para muito breve o seu início. E, este ano os estudantes têm muito que trabalhar. Pois, no ano passado mostraram-se um pouco mal. E para que não se repita o desaire do ano passado, há que mostrar este ano, que afinal faremos muito mais do que no ano passado.

FUTEBOL — De momento estamos parados. Pois não tem aparecido ninguém. Por isso, pedimos aos nossos leitores que nos arranjam grupos de rapazes, de forma que possamos todos juntos passar uns momentos de divertimento e acima de tudo de desportivismo.

Agora que o recado está dado, aguardaremos notícias. Porém, fazemos votos para que elas apareçam o mais rapidamente possível. Pois, o futebol é um desporto muito apreciado pelos nossos rapazes.

OBRAS — Como está a ficar bonita a nossa casa-mãe!

Dados os anos que o edifício já leva e os estragos que o tempo já lhe causou, o nosso Padre Cristóvão mandou restaurar o mesmo. Porém, quem mexe em edifícios com uma certa degradação, arrisca-se a ter muitas surpresas. E foi o que sucedeu. As obras deram início em meados de Julho e já era para estarem concluídas. Acontece que, como apareceram imprevistos, tal não sucedeu. No entanto, estamos em crer que dentro de, sensivelmente um mês, estará tudo concluído.

Como já se deve ter apercebido, estamos todos à espera que elas terminem o mais rapidamente possível, já que, é a zona mais importante da Casa. Basta dizer que é naquela zona que dormem os nossos «Batatinhas».

Eduardo Manuel Graça Seixas

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

Mais uma vez falamos do senhor Augusto (o que não tem uma perna). Desde que ficou viúvo continua muito só, tem muitas saudades da esposa. Ele chora muito pois os filhos abandonaram-no. Deixaram o senhor só, não o vão ajudar em nada e até muitos dos haveres lhe tiraram. As únicas pessoas com quem convive são as Irmãs (Criaditas dos Pobres) e duas vizinhas, e nós que vamos de vez em quando.

É um problema para resolver certas coisas pessoais, e não só!

Quando recebeu o subsídio da morte da mulher, lembrou-se de ir ao cemitério para mandar arranjar a sepultura da esposa e deitou (pés) ao caminho, sozinho. Lá se ia arrastando, se não fossem as irmãszinhas que deram fé! Então acompanharam-no num taxi para resolverem o problema. Ele sozinho não era capaz, pois já tem 80 anos, inválido e surdo. É para ele e para todos nós muito difícil comunicarmos com ele. Não ouve nada, não sabe ler nem escrever. Vamos tentar arranjar o aparelho do ouvido para facilitar um pouco a vida dele e a nossa. Este senhor precisa de alguma roupa para se mudar. O problema está no tamanho, por ser bastante forte. Desde já agradecemos tudo o que nos derem para o ajudar.

O QUE NÓS RECEBEMOS

— Ajuda para as casas do Quim e do Paulo (os dois irmãos): Do senhor Simões, 10.000\$00. Da assinante 28285, 10.000\$00. Assinante 18976, 5.000\$00. De uma amiga, 10.000\$00. Do assinante 26173, 25.000\$00 e pede uma oração por uma filha com problemas. Da nossa amiga de Paço de Arcos, 20.000\$00. De D. Fernanda, 2.500\$00. Mais uma participação para a casa: um dos 99 que faltavam, 10.000\$00 de F. Lemos. Assinante 58452, 10.000\$00. «Mando este bocadinho para os mais necessitados», 10.000\$00.

10.000\$00 de uma Amiga. 10.000\$00, de C. Branco: «Envio para os mais necessitados», 6.000\$00 de J. R. D. 2.000\$00, para o Pão dos Pobres de Santo António, «que Deus dê a todos muitas forças para continuarem esta bela missão». 5.000\$00 de um anónimo.

Recebemos de uma amiga uma carta com a seguinte mensagem: — «Quando me desloquei a Fátima em 1 de Maio, encontrei 10.000\$00 em frente da Casa Vitória.» Como o dono não apareceu, esta senhora mandou-nos esta importância e diz-nos o seguinte: — «Os desígnios de Deus são grandes e a pessoa que perdeu esta importância, ao ler o nosso jornal com esta notícia, sabe que o seu dinheiro não se perdeu, apenas Deus tinha outro objectivo para ele ajudar-vos um pouco».

Queremos desejar a todos os que nos ajudaram umas boas férias, e àqueles que estão doentes rápidas melhoras. Paz, amor e muita alegria. Para todos o nosso bem haja.

Maria Germana e Augusto

Retalhos de vida

O «TAÍNHA»



O meu nome de Baptismo é grande: António Pedro Veloso Faria Freitas Magalhães. E, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, a

malta deu-me o nome de «Tainha».

Nasci em Mafanude, Vila Nova de Gaia, em 26/11/81. Tenho agora 13 anos de idade.

Frequento o 6.º ano do Ensino Básico, na Telescola.

A minha mãe deixou-me numa ama e, depois, fui para um colégio do Porto. Entrei na Casa do Gaiato com sete anos, na companhia de mais dois vizinhos: o Ricardo («Tatárro») e o Ilídio.

Gosto muito de estar por cá. Temos uma Aldeia muito linda que Pai Américo construiu para nós, rapazes da rua.

Pedro Veloso

TOJAL

«O SENHOR MELO E A D. DINA» — Na sua humildade, este casal foi durante muitos anos «peças» importantes: Ele como pedreiro e ela como cozinheira.

Pelas mãos do senhor Melo a Obra viu levantar muitas paredes. Se alguém quiser ter noção exacta de tudo o que este homem construiu, venha até cá e nós teremos todo o prazer em lhe mostrar. Pergunte aos nossos rapazes para que lhe mostrem edifícios como o nosso pavilhão, Escola Primária e as tão belas camaratas.



A família que vive neste barraco tem a casa à espera de ser acabada.

Património dos Pobres

Dia de visitas

FOI o dia todo. Tive a impressão que ouvi os desabafos dolorosos do Senhor: *Estou com fome: dá-me de comer. Tenho frio: reparte comigo a tua roupa. Não tenho abrigo: consegue-me uma casa. Sinto-me doente: arranja-me remédios.*

Uns dias antes tinha recebido dos vicentinos daquela região costeira ao mar, um relatório extenso de aflições. Pelo telefone acertámos o dia e a hora da visita. Na altura eles estavam à nossa espera.

Começámos pela família de dez filhos que vivia no pinhal em currais de porcos abandonados. Procurámos

fazer-lhes uma casa composta de cozinha, sala, quatro quartos e casa de banho. Passaram a dormir nos quartos mas o resto da vida é toda feita em barraco velho atravancado de trastes imundos. Uma porcaria em desordem. Manifestámos-lhes a nossa tristeza e deixámos-lhes conselhos de arranjo.

Logo perto vive outra família. Mãe e dois filhos e três filhas. Todos ainda pequeninos e bem vestidos. Como não têm casa própria vivem na pequenina casa da avó. O pai é emigrante e quando cá vem torna-se violento com a família. A Conferência Vicentina está a acabar a casa para eles. Fica muito boa. Já demos

para ela um cheque de quinhentos contos.

Novamente na ruela fomos ter ao bairro de casas vicentinas. Uma delas está há dois anos à espera de ser acabada. Já tem as paredes, divisões e telhado. Falta todo o resto. Será para a família que vive no barraco da foto junta. *É necessário acabar a casa* — foi voz unânime.

Dali tomámos a estrada e demos muitas voltas até outra aflição. Um casal novo, com três filhos, a viver nuns anexos ao fundo do quintal. Só têm cozinha e dois quartitos. Tudo sem forro. Já têm há muito alicerces para um quarto e casa de banho. Mas, há um ano, o homem que sempre ajudou as casas dos outros pobres, ficou tuberculoso e pouco pode fazer. Esteve várias vezes internado: *E tenho de ir todos os dias ao Centro de Saúde tomar uma injeção.* É um dó vê-lo, de esquelético que está. Demos-lhe uma palavra de esperança. Pode contar com os materiais. É pedreiro e vai fazendo as obras.

Voltámos à estrada e andámos mais uns quilómetros. Escondida, ao fundo do quintal, fica a pequenina habitação. São os pais e três filhinhos. Dois deles sofrem de fibrose quística. Necessitam de mais um quarto e casa de banho, para um certo isolamento. O pai é pedreiro

e bombeiro voluntário. Já levantou as paredes com a ajuda que lhe adiantámos. Custou-nos muito ver o raquitismo dos dois pequeninos. Desejamos-lhes as melhoras, pois têm de recorrer muitas vezes ao hospital e prometemos-lhes nova ajuda para os acabamentos.

De novo na estrada fomos parar perto da casa do casal de dez filhos que ajudámos a construir. É uma casa modelo em arranjo e asseio. Tudo no seu lugar. A mãe andava a arrumar o quarto do casal. No corredor estava a mais nova. Um aninho. Uma cara de anjo e um corpo de boneca em dia de festa. Dois dos filhos estavam fechados no quarto: *Estragam-me tudo.* Ela tem-me chamado muitas vezes ao telefone. Deve na loja oitocentos contos e a senhora da loja anda a ameaçá-la: *Que são setenta contos que meu homem ganha por mês, para sustentar doze pessoas?*

Demos-lhe razão e deixámos-lhe ajuda para amortizar a dívida e ficamos mais uma vez admirados com o zelo daquela mãe e com a delicadeza das crianças.

Que todos ouçamos os desabafos amargos do Senhor que continua a chamar a nossa atenção.

Padre Horácio

PASSO A PASSO

Lindo o gesto do Lucas

O Lucas é um dos rapazes mais pequenos desta nossa Casa de Malanje. São cerca de sete anitos abertos para a vida.

No passado domingo, depois da Missa, enquanto estava sentado a ler, aproximou-se e ficou a meu lado. Ao fim de algum tempo pede-me um catecismo. Era mais um entre vários pedidos que os rapazes me têm feito nesse sentido. Como não lho podia dar, pus-lhe nas mãos um rebuçado que ele levou à boca, saboreou e de

seguida partilhou, dizendo: *«Senhor Padre, vou-lhe oferecer os meus cadernos da Escola!»*

Era certamente uma resposta de muito valor. Maior, muito maior que aquilo que eu lhe dera. Senti a grandeza daquele pequeno coração.

E porque grande, com muito espaço para receber, para encher, e depois, comunicar.

É sempre esta a esperança posta sobre cada um de nós, Homens. Seremos capazes de aceitar, de receber, para crescer, mesmo sem tudo perceber, e depois não nos fecharmos. Pois isto acontecendo, nada mais

podemos acolher, já estamos cheios. Fechados nada conseguimos dar. O ciclo da comunicação ficou interrompido.

Ou então se damos algo, é para receber em dobro, ou triplo... Aí vamos inchar até rebentar...

Que lindo o gesto do Lucas! E simples, tão difícil de viver. Ser capaz de dar proporcionalmente mais do que o que recebeu, sem fazer cálculos... Amou.

Pois, difícil é amar que é dar. E... hoje falei a todos nós daquela que foi coroada Rainha porque a que mais amou, a que mais serviu, a que Se deu.

Padre Júlio

Pouco a pouco a alegria volta a habitar este cantinho

DANDO uma volta pela nossa Casa, são notórios os sinais da alegria que pouco a pouco volta a habitar este cantinho de Malanje. Sim, graças à paciência perseverante do senhor Padre Telmo e à dedicação assídua dos rapazes e pessoas amigas, se vão apagando as marcas tristes da guerra, ainda visíveis em alguns cantinhos da Casa e com expressões ampliadas no rosto desfigurado da cidade e na alma ferida deste povo. A par de tudo isto o triste fenómeno de mãos estendi-

MALANJE

das e coisas escondidas, doações e ajudas, desvios e desonestidade!...

A curiosidade legítima de quem chega pela primeira vez a esta Província é de ver as coisas bonitas: as quedas d'água em Kalandula, o Salto de Cavalo, as pedras negras de Pungo-Andongo, o Mira d'Ouro, os rápidos do rio Kwanza, o cantinho do Céu, a caça, etc... Mas para tudo isto está o não das dez minas que, segundo as estatísticas, cabem a cada angolano; e porque algumas delas ainda não têm a missão cumprida, limitamos a nossa circulação num raio

ainda muito pequeno. Mas pouco a pouco, se calhar, iremos lá ter. Chegou há dias a brigada de desminagem — é consolador.

Os responsáveis políticos vão tendo encontros e obtendo alguns acordos. Todos nós fazemos votos para que desta vez não nos mintam mais, que respeitem os compromissos honrando a sua palavra e sejam dignos da confiança dos seus concidadãos.

Temos razões para esperar que, pouco a pouco, a alegria habitará na nossa terra: porque temos fé em Deus, acreditamos no futuro, vontade e força para trabalhar não nos falta e porque sabemos que não estamos sozinhos.

Padre Manuel Kalemba

Continuação da página 1

O Zé de Sarzedas veio há um ano de um quadro familiar carregado. Desentendimentos, violência verbal... e não só. Um irmão de 14 anos, para quem também era o pedido de admissão, estava já iniciado em vícios e a idade era má para se adaptar. Foi dada luz verde ao Zé, este pequenito e ainda a tempo de se libertar de tamanha confusão. A mãe esperava a saída dele para se libertar também ela e assim fez: dias após caminhou para Sines.

O Zé esteve connosco este ano sem qualquer dificuldade no seu relacionamento com todos. Um miúdo pouco dotado intelectualmente, mas simpático e bem disposto. Um dos nossos rostos típicos!

Pois a mãe regressou à terra há quinze dias. Trouxe um dinherito que por lá ganhou. Fez as pazes com o marido e estão em *lua de mel*. Daí a meterem-se ao caminho para buscar o menino, foi um passo.

Bem argumentei com o passado deles, com a brevidade destes quinze dias de paz para julgarem da continuação da paz, do risco de novamente se desentenderem e de que seria o pequenito a sofrê-lo na pele, ao assistir a ralhos e pancadas e, possivelmente, a nova separação dos pais.

De nada valeu. «Que o miúdo não tinha feito mal nenhum para vir para cá». Pois não. Nem ele nem os outros que cá estão fizeram mal nenhum. Quem o faz são os pais!

De nada valeu. Eles não perceberam, cheios como

Notas da Quinzena

estavam da euforia do presente. Nós, sim, ficámos tristes e preocupados com o futuro que espera o Zé Alberto. Quando passar esta ilusão, quando se acabar o dinheiro fresco que ela trouxe de Sines — o que irá acontecer? Infelizmente o prognóstico é simples e pouco favorável.

Como desejo enganar-me!

Um gesto de grande delicadeza que calou fundo em mim, que sou do tempo e da escola do «aproveita o que não presta e acharás o que precisas»!

Um assinante — decerto do mesmo tempo e da mesma escola! — devolveu-nos os saquinhos de plástico em que O GAIATO vai embrulhado, «na convicção de que ainda poderão ser aproveitados para futuras remessas — será assim?»

Não é, não senhor. Nós vivemos numa era de desperdício e pagamo-lo caro, em guerras de lixeiras, de incineradoras, de aterros sanitários, que todos engeitam e todos promovem. Lixo é mesmo um dos produtos maiores e mais universais que fabrica a sociedade de consumo. Também um grande problema para a civilização do urbanismo que invade os mais recônditos lugares da

Terra, proporcionando, até, novas tentações exploratórias como a *exportação* do lixo dos países ricos para os países pobres. Lixo, sim senhor, uma entidade internacional e muito importante no nosso tempo!

Pois também os jornais têm de entrar nesta produção, com toneladas e toneladas de plástico que para nada mais serve, uma vez que os sistemas de embalagem são automáticos e só trabalham a partir de mangas contínuas, que custam os olhos da cara e exigem estruturas caras e complicam a vida aos carteiros e acabam enchendo de *vazio* os contentores.

Nosso Amigo Norberto de Lisboa, bem haja pelo seu gesto cheio de ideal e pelo requinte com que jogou na eficácia dele, ao prever «a possibilidade de ser inútil este aproveitamento» e ao prevenir a inutilidade possível, incluindo «como compensação da ideia falhada», o cheque que a acompanhou.

Padre Carlos

PENSAMENTO

O alimento da sinceridade é a confiança.

PAI AMÉRICO

BENGUELA

Continuação da página 1

Pelo trabalho se constrói o futuro

Quando o écran da televisão mostrar com regularidade campos lavrados, as sementeiras feitas, os frutos à flor da terra, a paz chegou às aldeias de Angola e a fome acabou. Por enquanto, não. A colheita que ora fizemos veio trazer uma gotinha de água. É, na verdade, uma gotinha! Vale mais pelo testemunho. Os rapazes aprendem a saborear o pão colhido com o suor do rosto e o cansaço saudável dos braços e do corpo. Mais sementes foram lançadas à terra, entretanto. O gerador trouxe novo alento. As

constantes faltas de energia eléctrica perturbavam grandemente a rega das plantas e das sementeiras. Podemos, agora, trabalhar com mais confiança. Queremos fazer quanto pudermos para que os rapazes e todos aqueles a quem servimos saibam que pelo trabalho se constrói o futuro. É uma pedra basilar na reconstrução deste país.

Servir o crescimento desta gente

Nos bairros mais pobres, as chuvas que caíram em Março e Abril deste ano deitaram abaixo muitas casas. Outras sofreram rupturas que lhes tiraram a segurança. Ao aproximar-se a época das chuvas pelo mês de Outubro em diante, as

peças estão aflitas. Batemos à porta. Querem reconstruir as suas casinhas. O problema principal está na cobertura. Há chapas de lusalite, mas quem lá pode chegar, com preço tão elevado? Deixo-vos esta aflição também. Havemos de resolver os casos mais urgentes. Aliás, nunca poderíamos resolver todos os casos que se nos apresentam, quer neste sector, como em qualquer outro. Em situação de miséria generalizada, só uma mobilização geral das forças do Bem. Queremos fazer o que pudermos e sacudir quem pode e não faz.

Não podemos aceitar a dependência total em que vive a grande maioria do povo. Sentimo-nos humilhados com esta situação.

Aqui é o ponto de partida para um grande esforço no sentido de pôr em todas mãos o mínimo necessário para viver com o seu trabalho. Por agora é impossível. É com este horizonte que desejamos trabalhar, entretanto. Por isso, todas as ajudas que nos chegam saem das nossas mãos com esta marca: servir o crescimento desta gente. Quem nos dera saber e merecer tal lugar de serviço! Ajudar a crescer... só morrendo «como o grão de trigo que cai no sulco».

As notícias da nossa escola em construção pouco têm de novo, a não ser o desejo de a ver cada dia mais perto do fim. Mas ainda está longe! As obras continuam em ritmo lento. Espero não parem. Mesmo agora oiço o toque do ferro (sino) a chamar as crianças para a escola e para o estudo. Há razão para termos esperança.

Padre Manuel António

DOCTRINA



Na mesma medida recebo!

ENTRE as esmolas que a gente recebe na roda do tempo para distribuir na mão do Pobre, aparecem algumas que são verdadeiras mensagens do Evangelho: «Suavize com essa esmola os membros mais doridos do Corpo Místico do Senhor». De sorte que se quisermos respeitar o sentimento da esmola mai-la vontade de quem na dá, somos obrigados a fazer muito mais do que deixar a moeda e virar costas; temos de aliviar penas, consolar vidas — «suavizar os membros doridos do Corpo Místico de Jesus» que são precisamente aqueles mesmos doentes que visitamos — domésticos da casa de Deus, gente da nossa linhagem! Quem havia de dizer que a esmola de que hoje se trata (300\$00) veio dentro de um envelope, de ao pé da Serra da Estrela, das mãos de uma camponesa que leu o livro *Pão dos Pobres*, a chorar e a guardar ovelhas! Parecem notas do Banco, mas não; este dinheiro é sangue!

FAZEMOS actualmente carreira para uma toca da Baixa onde a miséria se aninhou. À mãe, que trata da filha tuberculosa, foi juntar-se mais um filho de igual padecimento, corrido pela renda da casa; o qual filho acompanhado de mulher e filhos, um de peito. Instalaram-se em cima, num coro que o tugúrio tem, para onde se sobe de gatas: — Olhe lá meu senhor, que o escadote é fraco. E ao sair a porta que diz para o beco, a mesma voz carinhosa: — Cautela que as escadas são enganosas. Não que se engane quem nas sobe, mas sim porque gastas e falsas.

NÃO se sabe por desígnios de quem, uma grande parte da Humanidade fica sem talher à mesa e leva a vida a gemer, a tossir e a esperar. O conhecimento desta verdade tem levado os homens de todos os tempos a inventar sistemas e doutrinas que formam classes em vez de unir corações. Nós, não. A Caridade não chama ninguém a contas, porque benigna; «tudo desculpa, tudo espera e tudo sofre». Não forja sistemas nem prega doutrinas; ela vai, contra os seus próprios interesses, cuidar dos interesses dos mais.

EU quero que tu me ajudes a subir estes degraus «enganosos» e a acompanhar os moradores da casa até final; e espero na volta do correio qualquer mimo da tua despensa é roupa usada da tua arca, nomeadamente roupas de cama — «suavizar membros doridos do Corpo Místico do Senhor».

D. Amén. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)

SETÚBAL

Continuação da página 1

Foi um banho de luz, de coragem e de certeza nos métodos descobertos pelo Padre Américo e por mim experimentados há quatro décadas consecutivas, na esteira do Evangelho. Confiar e ensaiar a confiança é a melhor maneira de educar e... nos educarmos.

Não foi fácil a tarefa do Paulinho e do Pingo. A praia é um ambiente de muita liberdade e sedução. Além dos trabalhos de cozinha, copa, pôr a mesa, limpar e arrumar, nada mais há a fazer. Todo o tempo é de divertimento. Daf que apareçam mais facilmente tentações. Depois o contacto com tanta gente deseducada e deseducadora propicia a erecção de impulsos adormecidos que a rua semeou na alma de todos: roubar, pedinchar, mentir e acobardar-se.

Tribunais

Quase todas as tardes, no fim do jantar e na sala das refeições, os responsáveis tiveram gente para chamar à pedra.

Os tribunais, feitos pelos chefes, conscientes do seu papel e da necessidade de combater as terríveis pragas que amarfanham a consciência dos rapazes, são momentos deliciosos de frutos espontâneos e eficazes.

Ninguém como os rapazes para iluminar e corrigir os rapazes. Ninguém. Eles, no seu lugar, são o melhor mestre, usam a melhor técnica com os meios mais adequados e, naturalmente os resultados mais proveitosos.

Gostaria que os professores das Escolas Superio-

res de Educação analisassem presencialmente um tribunal em nossa Casa. De certeza que esqueceriam muitas das suas lições e sepultariam milhões de preconceitos sobre a criança da rua.

Virgílio e «Borrão», com o «Lagarto», o «Banadas» e o «Monchique» foram os mais sacrificados. Os dois primeiros envolveram-se em mentiras e roubos com a venda do jornal na praia. Paulinho não lhes deu tréguas. Lavar loiça, limpar e arrumar o refeitório foram tarefas purgatórias destas garotices.

O caso mais melindroso passou-se com o chefe da casa 4. Também este era dos suspeitos do desaparecimento de um relógio do seu quarto. Paulinho deu dois dias para lhe virem dizer quem tirou e onde estava o dito. Expirado o prazo, faz tribunal. O chefe da casa 4 fugiu da sala do tribunal para casa e, ao outro dia de manhã, vem fazer-me queixa do Paulinho. Confrontei-o com a sua missão de chefe na sua casa. Pareceu-me que deveria ficar privado da praia no próximo Verão, quem foge assim da praia.

Paulinho achou que não. Que ele deveria voltar à praia e ser lá julgado no meio dos outros na sala de onde fugira. Ora bem. O chefe é chefe. E eu não devo senão respeitar o seu ponto de vista, se ele quer aceitar. Vicente regressou. Foi julgado e castigado a ir para Casa. Do relógio nada se soube.

Caso semelhante se deu também no reinado do Pingo, em Agosto, com o Custódio. O rapaz armou-se

em vítima diante de uma senhora estrangeira que entendeu vir protestar perante o chefe que não eram maneiras de tratar o adolescente. Custódio tem uma arte admirável para fingir e se defender. Com o Pingo não conseguiu nada, nem a espanhola.

Venda d'O GAIATO

Vendedores d'O GAIATO houve que eu punha as mãos no lume por eles... e... roubaram da venda para gastar na praia! Eu de nada suspeitava mas o chefe soube! Fez tribunal.

Eu caí das núvens! e... lamentei-me dolorosamente perante os fracassados: — Rapazes de quem eu nunca duvidei, e, agora sou obrigado a desconfiar!

Padre Acílio

Malanje dia-a-dia

Férias

UMA sensação de ternura ao pisar este chão, sobretudo, na comunhão com as nossas Casas do Gaiato pelos sinais de carinho. E logo, sentir no coração em cada dia e cada Casa o monte de consolações e a carga de sal em cima dos ombros de cada Padre e senhoras. Graças ao Senhor pelas maravilhas e pelo sal que vamos mastigando.

Depois a família... É o sangue.

Também tantos amigos! É bom ter amigos, querer-lhes e desejar para eles o bem.

Também, todos aqueles que vão depositando no Banco do amor aos outros as suas ajudas, que continuamos a receber.

Entre estes, os cristãos de Beja que, por intermédio do seu Bispo, depositaram neste «Banco de ajuda» os mil contos que couberam à Casa do Gaiato de Malanje — fruto das suas renúncias quaresmais. Não digo pela importância mas, sobretudo, como reconhecimento e para que os cristãos de Beja saboreiem os frutos da renúncia.

Soube que já chegou a Malanje o 3.º contentor de leite da «Africamiga». Estamos a preparar o embarque do 4.º. Tem sido um grande bem para as crianças de Malanje.

Igualmente, graças ao Senhor por todos os amigos que nos têm enviado suas ajudas ou entregaram na mão.

E pronto, deixai-me gozar um pouco este sol maravilhoso da nossa terra e fugir das montras carregadinhas de tudo — para não me entristecer com a falta de tudo em tantos lugares da Terra.

Logo após a minha chegada, o meu amigo Eng. Brás de Oliveira agarrou-me pelos «colarinhos» e levou-me a um médico especialista, que me viu, perguntou e apalpou. Depois escreveu uma grande lista de análises para fazer. Fiquei atrapalhado, pois nunca me tinha visto nesta de uma vistoria a todos os cantos deste pobre corpo. «Estarei mesmo podre?» — pensei.

As análises disseram que não. No dia 21/9 partiremos de novo para Malanje.

Partiremos, pois comigo vai a senhora D. Maria do Céu. Vai ser mãe dos nossos rapazes de Malanje. Vai deixar casa, carro, família e amigos para ser toda do Senhor e dos outros. Estes «Outros» são as crianças que ficaram sem pais numa guerra louca e cruel.

Padre Telmo